

Parlamentarista mas não anjinho

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Os acontecimentos dos últimos dias parecem prenunciar o início de uma nova época, ou a reconciliação do Brasil consigo mesmo. A gente encontra os conhecidos na rua e de longe já sabe porque é que sua fisionomia está aberta num sorriso azul claro. Se não é por causa da beleza que foi a convenção da UDN, onde se viu à luz do dia (e da noite) chocarem-se lealmente as divergências, e chegarem todos a uma democrática e elevada situação, será por causa do maravilhoso resultado do Rio Grande do Sul. Releve-me o leitor certa incontinência verbal diante de tão inesperados resultados, e lembre-se que jejuávamos de boas notícias políticas desde muito tempo. O comício realizado ontem com quatro gatos pingados para festejar com foguetório os feitos gloriosos do então general Lott, e para dar uma idéia do estilo com que governaria o país o atual marechal Lott se lograsse embriagar de nacionalismo larvar dez milhões de eleitores, também pode ser classificado como boa notícia; e até a bomba tem um aspecto picante que condimenta saborosamente a conjuntura.

Ha porém uma sombra no quadro, sombra de tristeza e não de frescor. Eles estão procurando todas as brechas, todos os meios de evitar a candidatura Jânio Quadros, todos os meios de continuar de algum modo no poder, no gostoso poder, no voluptuoso poder com que se embriagam

ha tantos anos. Eles não podem sequer admitir a ideia de viver sem "as coisas boas do poder" como ouvi de um deles. Morreriam de tédio, como outro confessou. Ou estourariam de raiva, como se dizia no tempo do Eça. E assim sendo compreende-se que estejam procurando alguma coisa mais eficaz do que a campanha presidencial adornada com a eloquência do Marechal Lott.

E procurando, acharam o parlamentarismo. E acharam também alguns anjinhos que julgam se melhor aproveitar a oportunidade parlamentarista do que aproveitar a oportunidade que se oferece ao país de tomar um gigantesco e salutar purgante. Ou melhor do que a desratização da República. Seria um erro gravíssimo, erro de justa avaliação dos fatos, da significação dos momentos decisivos, se a UDN se lembrasse agora de sobrepor aos compromissos que acabou de tomar na Convenção o compromisso antigo, e mais aleatório, de apoiar a emenda parlamentarista. E a meu ver os próprios libertadores, que tem o parlamentarismo como principal artigo de seu credo, devem compreender que a oportunidade oferecida pelos adversários é uma armadilha um tanto elementar, um tanto grosseira e que não será considerada pelos pósteros como a obra prima do pessedismo mineiro.

Meus amigos, seria supremamente ridículo cair em tão visível alçapão.